

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JANI CELIA SANTOS GOMES

BRINCAR : UMA HISTÓRIA DE ONTEM E DE HOJE

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JANI CELIA SANTOS GOMES

BRINCAR : UMA HISTÓRIA DE ONTEM E DE HOJE

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
- Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício nos Municípios da
Região Metropolitana de Campinas, da
Faculdade Estadual de Campinas, como um
dos pré-requisitos para conclusão da
Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Gomes, Jani Célia Santos

G585b Brincar : uma história de ontem e de hoje : memorial de formação / Jani
Célia Santos Gomes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-406-BFE

AGRADECIMENTOS

À Deus,

Aos meus pais, que sempre acreditaram no meu potencial,

Ao meu esposo José Antonio, por me instigar a acreditar que sou capaz,

Aos meus filhos Guilherme e Natália, por terem suportado a minha ausência,

As amigas, Kalina, Jociléia , Luciana e Losângela, pois nosso comprometimento nos fez permanecer unidas,

A todos que idealizaram este curso, pois com certeza acreditam e trabalham por uma educação de qualidade para todos.

*“...Volto no tempo menino fieira e pião
Sonhos embalam no vento a pipa e balão
Entre piratas e primas tesouros e medos de
assombração
Eu só sabia que a vida
Invadia os sentidos regia o coração
E o sol me aquecia e brilhava
Em qualquer estação.
Se hoje me perco nos labirintos da razão
Vem o menino que eu fui e me estende
A sua mão
E ele me acalma trazendo
Antiga e serena doce sensação”.*
TOQUINHO e MUTINHO, Esse Menino¹

¹ LP Aquarela, Ariola/Poligram, 1983

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	6
2. BRINCAR ... SEMPRE BRINCAR	8
2.1. O Caminho a caminhada	11
2.2. O Magistério – A pedagogia na Unicamp	14
3. A CRIANÇA, A INFÂNCIA E O BRINCAR	17
3.1. A brincadeira, um resgate cultural e afetivo	27
3.2. A exposição: Brinquedos para olhar ou para brincar?	38
3.3. Brincando com os pais.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. APRESENTAÇÃO

Era chegada a hora de escrever o memorial, o tão falado trabalho de conclusão do curso de Pedagogia do PROESF. Fui tomada pela insegurança, afinal, muitas dúvidas começaram a surgir: O que é na realidade um memorial? Como escrevê-lo? O que é importante escrever?

Tive receio de não conseguir recordar-me das vivências significativas e relevantes da minha história que pudessem tornar a escrita do meu memorial a ressignificação real de minhas vivências.

“Pedir aos adultos que, através do uso da memória, contem ou narrem suas lembranças, não é pedir para reviver esse período, significa um trabalho de pensar, refletir sobre seu significado hoje e no passado”. (SETUBAL e SILVA, 1989 *apud* FERNANDES, 2001, p.167).

Para pensar e refletir sobre o ontem na perspectiva do hoje, foi necessário um exercício de extrema dedicação e compromisso, para o qual busquei orientações com alguns profissionais deste curso e colegas, unidas que fomos, pela responsabilidade que nos foi confiada. “Uma história pode ser nova e, no entanto, falar de tempos remotos. O passado surge com ela”. (FONTANA, 1997, p.113).

Apoiada então nas experiências do passado, na minha prática, em meio aos saberes e interrogações, fui refletindo, à luz dos teóricos visitados e teorias discutidas neste curso de formação. Foi como ir e voltar ao mesmo tempo, enquanto fui protagonistas deste processo de construção, pois nele é possível nos enxergar como seres inacabados e em transformação.

Posso afirmar que muito aprendi enquanto buscava responder às perguntas que me fiz, que fiz a escola e a sociedade e das perguntas que estas me fizeram. Nessa perspectiva,utilizo-me da pergunta que faz Marcellino (1989,p.74), para dar inicio ao meu memorial:

“A saudade do prazer e da alegria sentidos na infância, ou nela não devidamente saboreados e suas conseqüências no adulto; a lembrança, a procura do refúgio para recuperação que possibilite o prosseguir da caminhada, mudar os rumos, trilhar nos caminhos; onde buscá-las?”

Sendo assim, neste memorial, penso, reflito e procuro dar significado à criança que fui e a infância que vivi, com o olhar voltado para a criança, a infância e o brincar como momento a ser vivido plenamente em todos os aspectos. Reflito sobre as brincadeiras e o brincar como ação inerente ao ser humano e principal atividade da criança, pois esta é sua forma de ser e estar no mundo.

Buscando refletir também sobre sua importância no desenvolvimento da criança e a redução dos espaços para a brincadeira nas escolas e lares, negando-se a criança o direito de “ser ela mesma” enquanto sujeito de sua construção. Cabe a nós professores/escola sermos instrumentos para auxiliar a transformação dessa realidade.

Neste memorial relato e reflito primeiramente sobre as brincadeiras e brinquedos, a importância que têm na infância, tendo o olhar voltado para a infância que tive e que dá significado a pessoa/professora que hoje sou.

Relato também sobre os caminhos que percorri até iniciar o curso do magistério. As frustrações, dificuldades e aprendizados durante o exercício nesta carreira profissional e da porta que se abriu para mim ao ingressar no curso de Pedagogia da Unicamp no qual foi possível fazer uma ponte entre a prática e a teoria.

Dou continuidade ao memorial com o objetivo de relatar e refletir sobre a criança com a qual convivo, o brincar como forma de vivenciar a infância, compreender e aprender sobre o mundo que a rodeia. Reflito também sobre a intervenção, postura do professor no processo de construção afetivo, social e cognitivo da criança, no qual procuro propiciar um resgate cultural dos brinquedos e brincadeiras, permitir que vivenciem a arte de dramatizar e convidar os pais a estarem na escola com o intuito de que reflitam sobre importância do brincar para a criança.

2. BRINCAR... SEMPRE BRINCAR

“O passado não é o antecedente do presente, é a sua fonte”.

(BOSI *apud* SOARES, p.21)

Lembro-me muito bem de algumas fases da minha infância, principalmente das brincadeiras que fazíamos no período contrário ao da escola.

Sempre à tardinha, depois de termos almoçado e feito à lição de casa. Tínhamos mais ou menos 7 ou 8 anos de idade. Eu gostava de brincar com minhas duas vizinhas da casa de baixo e com minha prima que, eventualmente, ia visitar-me. E entre tantas brincadeiras as que mais gostava era a de secretária, na qual inventava máquinas de datilografar dobrando uma folha de papel que emitia um som bem parecido com o da máquina utilizada pela secretária.

Gostava de brincar de missa, eu era o padre, pegava pedaços de bolacha ou pão e como se fosse hóstia, colocava na boca das amigas. Isso chamava-me a atenção quando acompanhava meus pais às missas de domingo e eu ficava sempre curiosa em saber por que comiam aquilo com tanto cuidado. Brincávamos também de aulas de ginástica e quem sempre era a professora ? - “eu”. Eu era a professora de educação física e é interessante me recordar como naquela época a profissão que exerço hoje, já aparecia em minhas brincadeiras, dando sentido ao que afirma Magda Soares (2001,p.21), quando diz que “pelo presente se explica o passado”, pois de fato vejo-me no que ontem vivi.

As brincadeiras eram inventadas, criadas a partir da realidade que vivia, os brinquedos que tive eram objetos aos quais dávamos significados conforme a brincadeira e a imaginação, pois segundo Brougère (1995,p.9), “o brinquedo não condiciona a ação da criança”. O uso da inventividade, buscando suportes para poder brincar, sempre foi algo constante e necessário na minha infância, uma vez que, fui uma criança de família muito pobre (quanta riqueza me trouxe tal pobreza).

Lembro-me perfeitamente de dois brinquedos que marcaram minha infância: uma boneca grande e linda que meu pai ganhou em uma rifa e foi a única industrializada que tive, e um bambolê que foi muito esperado e nunca chegou.

Toda minha infância foi vivida em Paulínia, cidade na qual resido até os dias de hoje. Naquela época, sempre que alguém da família queria fazer compras de roupas, eletrodomésticos e brinquedos, dirigia-se até Campinas, cidade vizinha, pois acreditava-se que tudo lá era mais barato.

Nas ocasiões em que minha mãe nos informava que iria até Campinas efetuar compras, eu e meu irmão ficávamos com grande expectativa, pois sabíamos que algo ela traria para nós. Passávamos o dia com o coração pulsando aceleradamente, aguardando sua volta.

E foi em uma dessas idas que lhe pedi o tão sonhado bambolê, novo brinquedo da moda, lançado na televisão. “É fato que nossa cultura e, talvez, mais ainda a das crianças, absorvem a mídia e, de um modo privilegiado, a televisão”. (BROUGÉRE, 1995, p.50).

As minhas amigas tinham bambolê e eu não sabia se teria o meu. Na falta dele, brincava com o das colegas, contudo, tinha de esperar que elas brincassem antes e quando enfadadas, me dessem a vez. Neste dia a esperei ansiosamente, sempre olhando pela janela, numa expectativa que era angustiante. Até que depois de muito tempo a avistei descendo a rua e cadê o bambolê? - não tinha nada parecido nas mãos, mas quem sabe estava desmontado ou então escondido para fazer surpresa. Na verdade, minha mãe o tinha esquecido em uma lanchonete enquanto comia um pastel antes de tomar o ônibus de volta para casa.

- Como pôde esquecer meu brinquedo?

Dias atrás, enquanto minha família estava reunida para um churrasco, este episódio foi lembrado e contado por mim, enquanto eu, minhas cunhadas e meus irmãos, olhávamos nossos filhos brincarem. Trata-se de um acontecimento que ficou em minha memória devido à tristeza que senti e até nos dias de hoje, me pergunto se a minha mãe tinha noção da importância que aquele brinquedo tinha para mim.

“Os valores se originam, assim, do sistema de regulações energéticas que se estabelece entre o sujeito e o mundo externo (desde o nascimento), a partir de suas relações com os objetos, com as pessoas e consigo mesmo.” (ARANTES, 2002, p. 163).

Cresci... e nesse crescer as brincadeiras, os lugares e as pessoas com quem brinquei mudaram.

Iniciando a adolescência por volta do ano de 1978, começando o ginásio, já não era mais possível brincar no período contrário ao da escola. Tornara-se difícil conciliar as brincadeiras com os deveres de casa e as aulas, uma vez que com o aumento da idade, vieram mais responsabilidades e obrigações. Os trabalhos escolares eram em grande volume e tínhamos as aulas de educação física, às quais eu freqüentava com grande satisfação.

Esperava a noite chegar para brincar com as filhas da vizinha, Dona Inácia, cinco meninas com idades próximas à minha. Como Dona Inácia trabalhava com “alta costura” suas filhas sempre andavam muito bem vestidas. Moravam a uma casa da minha, logo após a casa do senhor Dito, homem que tinha vários filhos, nem sei dizer quantos, e os mantinha trancados em casa, juntos com a mãe.

Senhor Dito era um homem de pouca conversa, vestia roupas bem passadas e os poucos cabelos muito esticados. De sua casa, ele era a pessoa que mais víamos sair.

Ele privava os filhos das brincadeiras num espaço diferente ao de sua casa, demonstrando acreditar que esta atividade pouco ou nada acrescentaria a qualquer criança.

Também brigava conosco toda vez que a bola com a qual brincávamos caía em seu quintal, sendo que certa vez, movido por grande fúria, dirigiu-se até a delegacia e registrou queixa por sentir-se perturbado com nossa bola em seu espaço. Por conta disso, meu pai foi chamado à delegacia.

E nós só queríamos brincar. De acordo com Maluf (2003,p.21):

“a criança que é privada de poder brincar pode ficar com traumas profundos dessa falta de vivência, pois quando a criança brinca, está vivenciando momentos alegres e prazerosos, além de desenvolver habilidades.”

Morávamos defronte a uma praça, bem cuidada e que fora lugar de muitas brincadeiras. À noite na rua, brincávamos de amarelinha, queimada, gim, pega-pega e essas brincadeiras atraíam outras crianças, aumentando nosso círculo de amizades. Que tempo bom era esse... tempo que brincávamos livremente até tarde e no outro dia ainda acordávamos cedo para ir à escola. Tempo de prazer, de intensa vida, de intenso viver. Pois

como afirma Fontana (1997,p.68), “Ao nascer, cada um de nós mergulha na vida social, na história, e vive, ao longo de sua existência, distintos papéis e lugares sociais, carregados de significados- estáveis e emergentes- que nos chegam através do outro”

O tempo que passou, se faz presente, reconheço na pessoa que sou a que fui, na interação com os lugares, com as pessoas e seus saberes – com a vida.

2.1. O caminho... a caminhada

*“Vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco;
representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça”*
(SOARES,2001,p.28)

A memória me falha nesse momento, pois não consigo lembrar-me com clareza a minha iniciação na vida profissional. Contudo, posso afirmar que com aproximadamente dezesesseis anos de idade, algumas colegas e eu, através de uma entidade voltada ao atendimento social, iniciamos um trabalho com crianças, cujos pais ficavam fora o dia todo. Para que essas não ficassem sozinhas ou na rua no período em que não estivessem na escola, iam para esse local oferecido pela prefeitura, para que fosse realizado o projeto denominado PLIMEC- Programa de integração do menor e da criança, que atendia crianças em idade escolar de 7 a 14 anos. Desenvolvíamos com eles, atividades de pintura, recorte e colagem, desenhos, brincadeiras e jogos.

“Não se pode deixar de considerar que algumas atitudes, verificadas no tempo disponível, não são desejáveis do ponto de vista social, porque vão frontalmente contra os valores de desenvolvimento da pessoa humana nas suas relações. Muitas delas colocam em risco a qualidade de vida e, até mesmo, a vida de seus praticantes, ou de outros membros da comunidade” (MARCELLINO, 1989, p 63)

Pensava-se em ocupar essas crianças com atividades que gostassem de realizar, no entanto, embora a entidade oferecesse alimentação adequada, almoço no período da manhã e lanche no período da tarde, o índice de frequência era considerado baixo. Muitas vezes, saíamos às ruas, de casa em casa, e enquanto investigávamos as razões das abstenções, divulgávamos as propostas do projeto.

As pequenas turmas eram formadas por crianças com idades diferentes, distribuídas conforme o número já existente em cada turma. Sentia ali um envolvimento, um carinho que era recíproco, sentia-me útil e tinha prazer naquela convivência.

Algumas reuniões eram realizadas com a finalidade de nos fornecer orientações. Contudo, confesso que muitas vezes senti-me perdida entre tantos assuntos levados pelas crianças. Havia casos mal resolvidos com as famílias e eu ainda me sentia imatura para lidar com tais situações.

“As relações e os conflitos interpessoais do cotidiano, com os sentimentos, pensamentos e emoções que lhes são inerentes, exigem de nós auto-conhecimento e um processo de aprendizagem para que possamos enfrentá-los adequadamente”.(ARANTES, 2002, p.171)

E nesse contexto, onde as relações exigiam cada vez mais de nós, estava eu mesmo que despercebidamente, começando a traçar (bordar) o caminho rumo à minha carreira profissional, lembrando o que diz Soares (2001) na epígrafe “...representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça”. E por não conhecer o que estaria por vir, não acreditei que este fosse realmente o caminho que desejasse seguir.

Ao concluir o curso ginasial, a mudança de escola se fez necessária, uma vez que não havia curso colegial na escola na qual tinha estudado até então. Tal mudança para mim foi muito dolorosa, pois eu já havia criado laços de afeto naquela escola. Vivi ali momentos inesquecíveis de minha adolescência, não encarava com otimismo ter que deixar um dos cenários onde passei momentos como a primeira paixão, o time de vôlei, as aulas de educação artística que me fascinavam com o desenvolvimento de diversas atividades, brincadeiras com músicas e toda uma vivência.

Iniciei o curso colegial em um grande colégio, distante de minha casa. O primeiro ano era básico e comum tanto ao aluno que desejasse cursar o colegial normal como ao que optasse pelo magistério. O curso normal que o colégio estava inserindo naquele ano, era o único profissionalizante oferecido no município até então.

Por não ter opção e não ter decidido ainda que carreira seguir, resolvi, assim como minhas amigas e a maioria das meninas da turma, cursar o magistério. Durante o curso nada me chamava atenção, nem mesmo durante o estágio, pois o que via no fundamental eram crianças sentadas em fileiras e uma professora lá na frente, sempre exigindo silêncio e se

mostrando incomodada com minha presença. E brincar? apenas no horário de recreio. Segundo Fernandes (2001,p.50):

“no ambiente escolar tradicional, a disciplina do corpo, a organização e a disposição dos materiais, dos alunos e do professor geralmente contribuem enormemente para a garantia do controle do tempo, do ritmo, do comportamento e do pensamento – embora nem sempre com sucesso absoluto- através do olhar e da autoridade do professor”.

Na educação infantil a professora media forças com o aluno que queria chamar a atenção. Ela corria pela sala para pegar o aluno que havia lhe dado um chute na canela. Para mim, aquelas cenas serviam como distração para abstrair-me do enfado de observar a forma tradicional de a professora trabalhar. Se eu como estagiária encarava aquilo tudo com muito tédio, imagino o nível de motivação daquelas crianças que estavam na condição de alunas.

Sendo uma turma do denominado nível IV (idade entre 6 e 7 anos), as tarefas restringiam-se a exercícios motores. E brincar, tinha hora certa e combinada. Uma de minhas atribuições de estagiária era preparar uma aula e diante da professora da turma, demonstrar o meu poder de domínio e de retenção da atenção das crianças. Dessa forma, revelava-se a concepção de que o professor deveria ser o único protagonista da relação ensino-aprendizagem. No entanto Fontana (1997,p.42) destaca que :

(...) “o ensinar e o aprender são produzidos na relação entre alunos e professora. Um se constitui em relação ao outro (...) Embora desempenhem papéis distintos, tanto a criança quanto a professora ensinam e aprendem, numa relação de intercomplementaridade”.

Nesse sentido, procurava elaborar aulas mais dinâmicas, para que as crianças pudessem se envolver no decorrer da proposta, mas observava que a atenção das professoras estava simplesmente no meu desempenho, nas minhas reações e não no que pretendia, na estratégia utilizada, no meu envolvimento e o das crianças, na construção da aprendizagem e na produção do conhecimento.

Pensei : - Não quero isso para mim.

O que é ser professora ? Qual é o seu papel ?

Um ano após ter concluído o curso magistério, a Prefeitura Municipal de Paulínia abriu as inscrições para o Processo Seletivo para contratação de professores. Sinceramente, não me interessei. No dia da inscrição, uma de minhas amigas passou em casa e como insistiu, acabei indo me inscrever. Para a prova não me preparei, não estudei, mas consegui pontuação suficiente para colocar-me na segunda etapa do concurso, a entrevista.

Na entrevista, quando questionada sobre a teoria, pouco sabia ou lembrava, mas quando indagada sobre a parte prática, buscava me lembrar dos tempos e da experiência com as crianças do PLIMEC.

Ao término da entrevista, a profissional que me avaliou disse :

- Você passará, mas me prometerá que buscará mais a teoria, lerá mais, pois a teoria embasa a prática e é extremamente necessária. Aquelas palavras ficaram em minha mente.

Enquanto esperava o resultado do concurso, estava curiosa, iniciei o curso técnico em contabilidade, em Cosmópolis, uma cidade vizinha. Resolvi que queria trabalhar em escritório. Nesse percurso, soube que fui aprovada no concurso. Fui chamada para a escolha da escola, tinha de decidir, resolvi então desistir do curso que estava fazendo, pois o “caminho” ali se mostrava, então o que fiz ?? – Comecei a caminhada.

2.2. O magistério – A pedagogia na Unicamp

“E o que vejo, a cada momento, é aquilo que nunca antes eu tinha visto”.

(Alberto Caieiro – heterônimo de Fernando Pessoa)

Sou professora de educação infantil há 18 anos, pois me encantei, apaixonei e identifiquei com as crianças dessa faixa etária, pelas várias maneiras que encontram para se expressar, pela peculiaridade de cada uma. A curiosidade, o relacionamento que têm com as coisas e pessoas que as rodeiam, as descobertas, o jeito de ser e a busca por ser criança.

Acredito que elas fazem-me recordar da criança que fui, o que vivi e gostaria de ter vivido na infância, o adulto/professor que sou e serei na convivência com estes pequenos.

Caminhando eu, caminhando eles, aprendendo eles, aprendendo eu, (re) construindo-nos. Argumenta Fontana (1997,p.54) que:

“Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente”.

No entanto, quando iniciei minha vida profissional na educação infantil, foi como se tivesse caído de pára-quedas em uma escola com crianças de 5 a 6 anos, no começo do mês de agosto, em fase de ensaio para formatura, momento em que a coordenação da escola, diretora e orientadora, manifestavam grande preocupação em preparar as crianças para o ingresso na primeira série do ensino fundamental. O que é contraditório ao que afirma Faria (1999,p.70), quando esclarece que:

“uma pedagogia de educação infantil deve garantir o direito à infância, levando em consideração todas as dimensões humanas que podem começar a ser construídas pela criança como o imaginário, o lúdico, o artístico e o afetivo cognitivo. Uma educação voltada para a infância, sem antecipar a escolaridade do ensino fundamental”.

Porém, segundo as administradoras das escolas, as crianças deveriam sair da escola sabendo escrever o nome completo e conhecendo as letras do alfabeto, pré-requisitos para ingressarem na primeira série. Além disso, tinham de ser ensaiadas para fazer bonito na formatura, procedimento compartilhado pelos pais.

E lá estava eu. Sentia-me como se o chão tivesse fugido sob meus pés.

Em nenhum momento pensei em opor-me a tal ideologia, afinal eu estava começando e quem era eu para questionar ? - o que questionar ? - questionar como? E embasada em quê ?

Simplesmente arregacei as mangas e me dispus a cumprir as tarefas que me eram atribuídas. E no cumprimento da nossa rotina diária, as crianças demonstravam que gostavam muito do horário de ir ao parque e aos brinquedos. E eu, particularmente, também gostava muito, pois era tempo de observá-las em suas interações, livres para brincarem, criarem e serem elas mesmas. “É no brincar e somente no brincar, que o indivíduo, a criança ou o adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente

sendo criativo que o indivíduo descobre o eu”. (WINNICOT, 1975,p.80 *apud* MARCELINO 1989, p 48).

Nesse percurso, foi lançada na cidade a proposta de trabalharmos na linha do construtivismo, tivemos cursos, recebemos apostilas e muitas coisas foram impostas como receita. Fomos supervisionadas, nossas falhas eram apontadas durante as reuniões com grupos de outras escolas. Fui apontada em uma delas.

Durante muito tempo ainda trabalhei confusa, tinha apenas uma distante base teórica dada durante o curso do magistério, mas estava disposta a aprender como fazer, como melhorar. Foi um começar difícil, mas importante.

No ano seguinte, mudei de escola e conheci novas colegas, nova administração e contemplei novos horizontes. Nos 18 anos de exercício do magistério, conheci algumas escolas quando acumulei cargos, mas há 17 anos sou professora em uma mesma escola e muitas colegas e amigas por lá passaram. Muitas crianças ficaram em minha memória e nesse ir e vir de muitas formas aprenderam, de muitas formas aprendi, mas uma questão tem ficado sempre presente: a visão que pais e professores têm da educação infantil quando dizem que na educação infantil as crianças brincam, vão aprender mesmo quando estiverem na “escola”. Essa fala vem trazer mais uma vez a preocupação com a escolarização da criança, dando ao brincar uma visão de algo vazio, sem importância. Então me perguntava : - Onde estávamos falhando e qual deveria ser nossa postura ? Não bastava somente acreditar que o brincar era importante e deixá-lo acontecer, faltava saber mais.

Por muito tempo permaneci num cotidiano de incertezas e dúvidas, apesar da experiência, do amor, da vontade de fazer bem aquilo que na minha concepção até então era tarefa do professor, mas muito ainda faltava...

Faltava o embasamento teórico que poderia abrir portas para o conhecimento, para o aprendizado, para reflexões, para me conhecer enquanto professor sujeito ativo, pesquisador, crítico que se transforma e é instrumento de transformação.

E é na Unicamp como aluna do Proesf - Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Rede Municipal dos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, que esse processo vem acontecendo. Desde que me inscrevi para realizar o vestibular, pois a partir de então, comecei a trilhar o caminho da leitura, na ânsia de ser uma das aprovadas.

Eu e mais duas amigas formamos um pequeno grupo de estudos, pois estávamos convictas de que muito deveríamos estudar, afinal era o vestibular da Unicamp, uma das universidades mais renomadas do país e o sonho de muitos estudantes.

E das tardes de estudo, eu e mais uma das amigas, passamos para a sala da universidade. Estava muito feliz, fomos bem recebidas e digo que a porta que se abriu para nós, professoras em exercício, foi “a porta da frente”, pela proposta que o curso apresenta, nos propiciando desvelar, experimentar, refletir, construir, integrando a nossa prática, importantíssimo diferencial, à teoria. “... a educação terá, como função principal, o permitir ao homem o fazer-se a partir da situação concreta e global na qual está colocado”. (FURTER, 1966 *apud* SOARES, 2001, p.65).

A prática me trazia e ainda me traz muitas dúvidas e tenho buscado a resposta a essas dúvidas, sair do comodismo, buscar conhecer, aprender, compreender, (re) construir e transformar-me. Na condição de aluna novamente, agora com a oportunidade de se considerar a experiência, a história, a prática. E nesse contexto avalio que o aprendizado está sendo muito mais significativo.

3. A CRIANÇA, A INFÂNCIA E O BRINCAR

*“... Somos crianças ao sol
A aprender a viver e sonhar
E o sonho é belo
Pois tudo ainda faremos
Nada está no lugar
Tudo está por pensar
Tudo está por criar”.*

Milton Nascimento e Fernando Brandt (*apud* Marcelino, 1989,p.139)

Nesse momento da minha história, busco na relação da prática com a teoria o aprendizado para (re) pensar e (re) construir a minha prática significativamente, de maneira que reflita na minha postura enquanto parte de um grupo, de uma sociedade e quanto as questões que o tornar-se professora vêm suscitando.

“O tempo também marcou nossas histórias. Não nascemos professoras, nem nos fizemos professoras de repente. O fazer-se professora foi se configurando em momentos diferentes de nossas vidas”. (FONTANA, 1997, p.135). E nesse momento de formação no qual ainda me faço professora, recordo o que pensava logo no início da minha carreira no Magistério, como conto neste memorial, “... nem pensei por algum momento em ser contra tudo aquilo, afinal, estava apenas começando e quem era eu para questionar? (O que questionar? Como questionar? Embasada em que?). Recorro então ao que afirma Fontana (1997,p.122) “... mais importante do que o pensamento é aquilo que faz pensar...” e o que me fazia e faz pensar, refletir e hoje questionar entre tantas outras questões era o Brincar. Brincar como forma da criança viver sua infância, entendida como momento para brincadeiras, vivenciar fantasias, produzir cultura, momento em que aprende enquanto se relaciona com o mundo que a rodeia, construindo-se e aprendendo para a vida.

Ser um profissional de Educação Infantil significa ter a criança como personagem central de seu trabalho, buscando refletir sobre a criança com a qual convive.

“... quando se fala em criança hoje em dia, temos como modelo uma criança idealizada, um constructo supra-histórico com características das crianças das classes médias e altas. Contudo, indiscutivelmente, este modelo é difundido para toda sociedade”. (OLIVEIRA, 2000, p. 134).

No entanto, a criança com a qual convivo é a criança real, proveniente de famílias de classe baixa, pressionadas e oprimidas por um sistema escolar que está inserido numa sociedade que a vê como objeto de seus interesses e poder. De acordo com Marcellino (1989,p.57), “o que se observa na nossa sociedade em relação a criança é a impossibilidade de vivência do presente em nome da preparação para um futuro que não lhe pertence”. É preciso que nós, professores e adultos estejamos atentos para que esta preocupação com o futuro não nos faça perder a criança de hoje, pois ainda afirma Marcellino (1989,p.72), que:

“é fundamental que se assegure à criança o tempo e espaço para que o lúdico seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida da criatividade e da participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver”.

Viver o presente na condição de ser criança é vivenciar a brincadeira, contudo, esta vem sendo cada vez mais esquecida e abandonada tanto pelos pais quanto pelas instituições escolares. Prado (1999,p.121), esclarece que:

“ é preciso reconhecer a criatividade e complexidade em que as crianças constroem suas interações e reconhecer o direito dessas à própria infância e à brincadeira livre, espontânea, em que as mesmas não só imitam ou reproduzem aquilo que aprenderam ou vivenciaram, mas também, criam, alargam, condensam, intensificam e conduzem para novos caminhos e novos significados”.

Deve-se proporcionar às crianças espaço para brincar e desenvolver-se, no entanto, devido às mudanças na realidade econômica a infância vem perdendo seu espaço e conseqüentemente acontece um processo de abandono das brincadeiras que são substituídas por outras atividades como: assistir televisão, jogos em computadores ou videogames como forma de preencher o tempo em que ficam em casa sozinhas. “A televisão transformou a vida e a cultura da criança, as referências de que ela dispõe. Ela influenciou, particularmente, sua cultura lúdica”. (BROUGÉRE, 1995, p.50).

Todo esse assédio da mídia nos lares torna-se perigoso, no que diz respeito a que tipo de cidadão irá se formar. Nossa sociedade está cada vez mais sem tempo e espaços lúdicos.

“... assim, além das crianças, dos adolescentes e dos jovens atualmente não possuem o espaço da rua para desenvolver a socialização, também não possuem um rol de convivência familiar que lhes permita estabelecer maiores relações com o diferente (em idade, gênero, classe social, étnica, geracional e outros)”. (GARCIA, 2003, p.126-127).

Portanto, a criança, pode tornar-se adulta em miniatura direcionada para o mercado de trabalho perdendo sua identidade infantil, prejudicando as relações humanas, tornando-se individualista e consumista. Para Kishimoto (1996,p.144), o trabalho de educação infantil exige de seus professores (veteranos e em iniciação profissional) discussões e práticas sobre as vivências comunicacionais cotidianas de seus alunos. Procurando dessa forma, que a escola seja um ambiente onde não se reproduza o que os meios de comunicação impõem.

Contudo, a preocupação exagerada com a produtividade e as desconsiderações da realidade diária e das necessidades dos alunos, faz com que na escola em que trabalho haja um certo direcionamento por parte de alguns profissionais para preparo das crianças principalmente de 5 a 6 anos para o ingresso na primeira série do Ensino Fundamental. A brincadeira fica relegada a momentos em que já foram trabalhados os números, letras, nomes, receitas, de maneira que não significativa para a criança. Muitas vezes o tempo a ser destinado para brincarem no parque é usado também para realização de tarefas, afinal, existe cobrança por parte dos pais, de professores da escola de Ensino Fundamental, da sociedade com relação a essa preparação. Estas professoras, muitas vezes, por insegurança, medo, despreparo, fazem como fiz em início de carreira, não questionam e se dispõem a realizar a tarefa que acreditam dever cumprir.

“... a questão da escolha dos procedimentos apresenta uma outra dimensão com implicações afetivas nem sempre prontamente identificáveis: trata-se da questão da adequação/inadequação da atividade escolhida, em função do objetivo que se tem”. (GURGEL e ARAGÃO, 2002, p. 134).

Acredito que durante o tempo em que frequentei a educação infantil, a brincadeira também não era considerada importante, pois da vivência desta, só me lembro como conto nesse memorial, das vividas no período contrário ao da escola, à noite, ou mesmo na aula de Educação Artística, no ginásio. Assim, como me lembro da falta da efetiva brincadeira nas escolas onde estagiei.

Portanto, com o objetivo de analisar quais são as expectativas dos pais quanto ao trabalho da escola, fiz uma coleta de dados relativa a uma pergunta que consta na ficha de entrevista realizada por nós professores no início do ano de 2005. A pergunta era: “O que espera do trabalho da EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil)?

Os dados indicaram que os pais e/ou responsáveis pelas crianças de 3 a 4 anos preocupavam-se com o desenvolvimento dos filhos, com os cuidados. Já os pais de crianças de 5 a 6 anos preocupavam-se, em sua maioria, com a preparação para o ingresso na séries iniciais ao Ensino Fundamental, ou seja, pensam numa preparação para o futuro, pensam num vir a ser. Estes pais vêm o brincar como forma de aprender? E as professoras inseridas neste contexto de contradições, como são vistas?

“Anteriormente, a brincadeira era geralmente considerada como fuga ou recreações e a imagem social da infância não permitia a aceitação de um comportamento infantil, espontâneo, que pudesse significar algum valor em si”. (WAJSKOP, 2005, p.19).

O que mostra uma visão que vem lentamente se desmistificando, pois quando os pais querem impor que seus filhos aprendam, ou seja, sejam escolarizados na Educação Infantil, nega-se que compreendam que o brincar tem essa possibilidade, pois algumas crenças e valores tornam-se ainda mais fortes diante da sociedade capitalista atual. Conforme Maluf (2003):

“Brincar é comunicação e expressão, associando pensamento e ação; um ato instintivo voluntário, uma atividade exploratória; ajuda às crenças no seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social; em meio de aprender a viver e não um mero passatempo”. (p.17).

Para Vygotsky (1998):

“a brincadeira infantil é entendida como atividade social da criança, cuja natureza e origem específicas são elementos fundamentais para a construção de sua personalidade e compreensão da realidade na qual se insere”(apud Wajskop, p.16)

Sendo assim, a educação infantil dever ser pensada e baseada em uma pedagogia centrada na infância e em suas especificidades, considerando-se e contemplando o prazer que o brincar proporciona. Destaca ainda Maluf (2003), que: “...todo aprendizado que o brincar permite é fundamental para a formação da criança, em todas as etapas da sua vida”. (p.21). No entanto, observa-se um ideal de criança desprovida de espaços organizados para proporcionar o brincar para a criança que temos e que é real.

A escola onde trabalho é considerada pequena em relação às outras da cidade, o espaço da área externa, com exceção da praça, é pequeno, contudo, é suficiente para proporcionar brincadeiras e favorecer a inventividade, criatividade, a interação entre os pares, autonomia e iniciativa por parte das crianças. As salas de aula são grandes, facilitando a movimentação das crianças e organização de modo que elas possam atuar como modificadores do ambiente, com mobílias que apesar de velhas, adequadas à faixa etária a que se destina.

“... é preciso, pois deixar o espaço suficientemente pensado para estimular a curiosidade e a imaginação da criança, mas incompleto o bastante para que ela se aproprie e transforme esse espaço através de sua própria ação.”(Lima, *apud* Fernandes,2001,p.39)

Contudo se a professora de Educação Infantil organiza a sala tendo cadeiras, mesas, armários e lousa como mobília principal, podemos entender que seu objetivo educacional dentro deste espaço poderá estar voltado para uma possível alfabetização. Segundo Wajskop (2005):

“a maioria das escolas tem didatizado a atividade lúdica das crianças, ... Ao fazer isso, ao mesmo tempo em que bloqueia a organização independente das crianças para a brincadeira, infantilizam os alunos como se sua ação simbólica servisse apenas para exercitar e facilitar, para o professor, a visão do mundo, definido a priori pela escola”. (p.24).

No entanto, se o objetivo maior é promover a troca e interação entre as crianças, entre elas e os adultos, propor a observação, a brincadeira, o jogo, a produção cultural, permitindo que a criança interaja com esse ambiente no sentido de até, reorganizá-lo, planejá-lo conforme necessário, pensa-se num ambiente onde a educação favorecerá a liberdade de expressão. Prado (1999,p.144), afirma que:

“a organização de uma sala infantil deve-se levar em conta que este deve ser espaço de vida, deve proporcionar espaço para brincar, que adultos e crianças possam vivenciar, experimentar, sentir, conhecer, explorar toda a riqueza em que esta atividade encerra, entre fantasias e histórias, danças, músicas, transgressões, imprevistos, sociabilidade, invenções, convites a brincadeira e outras manifestações e expressões culturais de crianças pequeninas”.

Com esse propósito, iniciei no ano de 2005, um projeto voltado para o brincar, no período parcial, com as crianças na faixa etária de 3 a 4 anos. Os objetivos eram valorizar o Brincar na Educação Infantil como momento de aprendizagem, observar as crianças em suas interações, estar atenta aos interesses pelos brinquedos industrializados e pelos produzidos pelos pais em oficina, observá-los na organização de espaço dentro e fora da sala, promovendo também atividades em conjunto com turmas maiores. Para tanto, a sala que já estava organizada em cantos, foi replanejada de modo que, um dos cantos pudesse ser usado também como canto para fantasias, dramatizações com fantoches, pintura no rosto e outros. Esse canto foi organizado no canto dos livros, ali foi colocado um espelho, tapetes, almofadas, fantasias, um biombo onde as crianças pudessem dramatizar, lápis aquarela com um espelho pequeno para que elas pudessem se pintar. “Ampliar a experiência da criança e jovem é proporcionar uma base suficientemente sólida para a atividade criadora, do que depreende-se uma postura educativa”. (FERNANDES, 2001, p.123).

Foi solicitado aos pais que enviassem brinquedos com poucas peças e simples para que ficassem na escola até o final do ano letivo, já que a proposta era observar as crianças quanto às trocas, expressões de sentimentos e trabalhar a linguagem oral e corporal. Segundo Vygotsky (1991):

“ quanto mais veja, ouça e experimente, quanto mais aprenda e assimile, quanto mais elementos reais disponha em sua experiência, tanto mais considerável e produtiva será (...) a atividade de sua imaginação”. (*apud* FERNANDES, p. 123).

Estes brinquedos foram chegando aos poucos, alguns vieram novos, deduzi que os da criança estavam quebrados ou não os tinham. Outros, segundo a criança, a mãe e avó não queriam tirar do quarto, pois as bonecas estavam limpas e arrumadas. Um dos meninos trazia esporadicamente o brinquedo, mas sempre o levava embora. Enfim, trouxeram bonecas, tratores, dinossauros, *power rangers*, homenzinhos, trenzinho, argolas coloridas, algumas peças de montar, cavallinhos e zebrinhas. A Orientadora deu algumas bonecas bem simples e alguns fantoches. Todos esses brinquedos foram colocados em uma grande caixa e quando era proposto o uso dos mesmos, as crianças se encarregavam de pegá-los sem que fosse pedido a elas.

“O brinquedo é fornecedor de representações manipuláveis, de imagens com volume: está aí, sem dúvida, a grande originalidade e especificidade do brinquedo que é trazer a terceira dimensão para o mundo da representação”. (BROUGÉRE, 1995, p.14).

Diz ainda que o brinquedo é acima de tudo, um dos meios para desencadear a brincadeira (BROUGÉRE,1995,p.21). Para que as brincadeiras com os brinquedos acontecessem, as crianças eram levadas ao pátio que fica ao lado da nossa classe. O local é todo cimentado, há uma rampa feita com o objetivo de facilitar o acesso das pessoas com necessidades especiais, um pequeno espaço ao redor onde foi plantado flores e um pé de manga onde as crianças adoram pendurar-se. Nesse espaço há também uma torneira e um contêiner para reciclagem de papelão.

O espaço não é muito grande, mas as crianças gostavam muito de brincar ali e apesar de ser uma área para todos, desde que livre, ou nos horários estipulados, praticamente éramos a turma que mais usávamos. Durante as brincadeiras pude observar que as crianças estavam preocupadas cada uma com o seu brinquedo e diziam: -Esse brinquedo é meu!. “Observar é contar, descrever é situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação”. (CARDOSO, *apud* FERNANDES, 2001, p.210). Mas com o passar do tempo, apesar de ainda se mostrarem muito forte a questão do “meu”, começaram a trocar brinquedos.

Muitas vezes o interesse por um só brinquedo desencadeava muitos conflitos e brigas entre elas, no entanto, em algumas situações tentavam encontrar soluções que ao modo delas eram adequadas.

“É, portanto, na situação de brincar que as crianças se podem colocar desafios e questões além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que eles são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interage. Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência”. (WAJSKOP, 2005, p.33).

Nesta convivência com os pares e com os brinquedos as crianças criavam e davam a eles outros significados, procurando lugares bem diferentes para brincarem – atrás do latão de papelão, dos baldes de lixo, no canteiro onde foram plantadas as flores, jogavam seus carrinhos nas escadas e no corrimão, rolavam círculos na rampa para ver qual chegavam lá embaixo primeiro. Um gostava da brincadeira do outro e logo se formava outro grupo.

“Os brinquedos tornam-se, portanto, objetos de comunicação, meio através do qual a criança sai de uma situação centralizada em um objeto, para torná-la em utensílio mediador entre ela e outras crianças, e de forma mais generalizada, entre ela e o mundo”. (BROUGÈRE, 1994, apud KISHIMOTO, 1996, p.138).

No entanto, uma das meninas procurava em suas brincadeiras ficar sempre sozinha, no seu mundo imaginário, conversava com os cavaleiros de um dos colegas, os bonecos *power rangers* eram transformados em cavaleiros. Contava para mim que gostava muito de cavalos e quando ela crescesse sua mãe lhe daria um cavalo branco de presente e ela seria uma amazona. Ficava muito contrariada quando alguém pegava esses brinquedos antes dela. De acordo com Vygotsky (1991,p.127):

“... é só brincando que a criança vai começar a perceber o objeto não de maneira que ele é, mas como desejaria que fosse. Na aprendizagem formal isso não é possível, mas no brinque isso acontece, porque é onde os objetos perdem a sua força determinadora”.

Deste modo, pensar em um espaço propício para o Brincar não seria apenas colocar brinquedos num local, seria sim, organizar um ambiente onde a criança pudesse inventar, criar sua própria brincadeira utilizando-se não somente de brinquedos prontos, mas também, criando e recriando a partir de diversos materiais.

Pensando assim, comecei levar para pátio cadeirinhas, colchões, arcos, cordas, um cobertor, cones e pedaços pequenos de madeiras. As cadeiras viravam túneis no qual as crianças se arrastavam para passar. Em outro momento, enfileiravam-se para andar em cima das mesmas, o colchão era carregado acima da cabeça e todos tinham que equilibrá-lo, o cobertor virava rede que era segurado nas pontas por quatro crianças para balançar uma que estava dentro do mesmo. Disputavam a única corda grande e cada qual queria usá-la de um forma diferente. As possibilidades eram muitas, pois se mostravam muito motivados.

Kishimoto (1996,p.138) esclarece que, “...se o professor souber observar e intervir a partir da lógica da atividade lúdica infantil, descobrirá explorações possíveis, para se obter melhor aproveitamento do brinquedo como mediador das brincadeiras”.

Com o objetivo de enriquecer ainda mais essas brincadeiras, convidei outra turma com idade de 5 a 6 anos para compartilhar de alguns momentos, mas embora isso tenha acontecido poucas vezes, já que a professora desta classe estava sempre preocupada com outros afazeres dentro da sala. Para Kishimoto (1996,p.122), “ um professor que não sabe e/ou não gosta de brincar dificilmente desenvolverá a capacidade lúdica dos seus alunos. Ele parte do princípio de que o brincar é bobagem, perda de tempo”.

Tempo perdido para esta professora, não para as crianças, pois foi muito interessante observá-las. Num primeiro momento, observei grupos separados, cada qual brincando com colegas de sua turma, porém, aos poucos, começavam a se relacionar. Duas meninas da outra turma brincando de ser mamãe e irmã da menorzinha da minha turma e outros tentando resolver impasses quanto aos brinquedos. No entanto, percebia que em algumas situações a professora convidada se adiantava para resolver os conflitos, demonstrando satisfação em fazê-los.

Acredito que a intervenção do adulto/professor faz-se necessária, no entanto, eles devem ter claro quais são seus objetivos ao se dispor para tal atividade de modo que ao intervir seja problematizador/mediador da aprendizagem. Para Fernandes:

“... a presença e a interferência dos adultos sobre comportamentos, atitudes, valores podem ser bastante forte e isso é reflexo de um modelo educacional com raízes em tendências tradicionais – marcado por práticas escolarizantes e adultocêntricas”. (2001, p.55)

Portanto, devemos estar atentos para o modo que interfere, pois podemos estar impondo as crianças os hábitos, valores e maneira de como dos adultos vêem o mundo.

“A criança ao brincar é introduzida nas experiências sócio-culturais e imaginários dos outros que pode ser o adulto mas também outra criança e, desse modo, assimila, apropria-se e recria conhecimento e significados do contexto social em que vive”. (FERNANDES, 2001, p.82).

Dessa maneira, recriando e dando significado aos brinquedos fui notando que com o passar do tempo as crianças foram se socializando e mesmo que tivessem mais convívio com os colegas da turma e demonstrassem preferência por brincadeiras diferentes, pois como esclarece Kishimoto (1996,p.60) “... devemos levar em conta que brincar preenche necessidades que mudam de acordo com a idade...”. Aos poucos elas foram compartilhando as brincadeiras, ora usando os objetos, ora não.

3.1. Brincadeira, um Resgate Cultural e Afetivo

O Brincar se entendeu a dramatização, pois sempre que as crianças ouviam a música “A linda rosa juvenil”, começavam a brincar de imitar os personagens. No Referencial Curricular Nacional elaborado pelo MEC para a Educação Infantil afirma-se que:

“ ao brincar de faz-de-conta, as crianças buscam imitar, imaginar, representar e comunicar de uma forma específica que uma coisa pode ser outra, que uma pessoa pode ser um personagem, que uma criança pode ser um objeto ou um animal, que um lugar faz-de-conta que é outro”. (MEC, 2001,v.2, p.28)

A partir do que vi, comecei a confeccionar materiais que dessem características visuais a cada personagem. Para elaboração deste trabalho foram levados alguns materiais, como: roupas, máscaras, chapéus, papéis, varinhas, maquiagem/outros e as crianças iam assumindo e trocando os papéis que representavam conforme seus interesses, às vezes rosa, outras vezes, bruxa ou relógio, no caso das meninas. Essas dramatizações eram realizadas com a utilização da música, a qual as crianças iam dramatizando e expressando em seus gestos o seu jeito de ser e sentir o personagem de acordo com as relações que mantinham com o grupo, mas tentando extrapolá-los, no sentido do personagem dar vida aos seus sentimentos e ao que vivenciam em seu cotidiano. Eisner (1979) entende que:

“...ao realizarem atividades artísticas, as crianças desenvolvem auto-estima e autonomia, sentimento de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar e fazer julgamento e um pensamento mais flexível; também desenvolve o senso estético e as habilidades específicas da área artística, tornam-se capazes de expressar melhor idéias e sentimentos, passam a compreender as relações entre partes e o todo e a entender que as artes são forma diferente de conhecer e interpretar o mundo”. (*apud* FERREIRA, 2001, p.14).

As crianças vivenciando o prazer de dramatizar saíam pela escola vestidos com as roupas dos personagens, pintavam seus rostos olhando nos espelhos. Prática que causou, no mínimo, estranheza por parte das colegas de trabalho, ao se depararem com as crianças com o rosto todo “rabiscado”, uma vez que, normalmente eram as professoras quem os pintavam, usando sua visão padronizada de estética. Segundo Ferreira (2001):

“ A adoção de um modelo de ensino – seja ela consciente ou não decorre das diferentes concepções de arte, educação, desenvolvimento humano etc., construída ao longo da vida: os modelos de ensino reproduzem a visão de mundo dos professores que a adotam”. Diz ainda que, “ Nenhuma proposta pedagógica é, em si, adequada a toda e qualquer situação de ensino e aprendizagem. Para poder ser colocada em prática, ela necessita ser apropriada pelo professor, ser reconstruída, precisa fazer sentido para ele e para os alunos”. (p.33)

Era visível o prazer proporcionado por esta atividade, sendo assim, os alunos permaneciam com a pintura o tempo que desejassem e muitos deles, iam para casa pintados e contavam aos pais já na porta da classe a intenção ao pintar o rosto.

Nesta atividade, foi possível ainda, observar questões sobre idéias conservadoras do mundo adulto, que trazem preconceitos embutidos na cultura infantil. Observei que uma das meninas não estava muito à vontade para participar das dramatizações, mas de forma bem acanhada, procurava pegar os objetos usados para caracterizar o rei, no entanto, uma das colegas ao vê-la interessar-se pela coroa do tal personagem disse: – Menina, não pode ser rei, só poder ser rosa, bruxa ou relógio! Na visão de Ferreira (2001):

“...ao desfocar o estudo hegemônico do passado para enfatizar a pluralidade cultural, é preciso incorporar uma visão crítica, que questione toda forma de pensamento único, a fim de que os alunos entendam que as produções artísticas e suas interpretações não são inocentes e objetivas, mas interessadas, e que estão comparadas em realidades que colhem e veiculam diferentes visões de mundo” (p.16).

A partir dessa fala realizei um trabalho sustentado pelo aprendizado da disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade², pois diante deste comportamento notam-se os preconceitos estabelecidos pelos adultos que querem que a criança seja sua continuidade. Embasado na história – “Adivinhe! Quem está para chegar?” de Gerusa Rodrigues Pinto, foi feito um trabalho, por meio de questionamentos para que pudesse observar as diferenças biológicas que existem entre o homem e a mulher, mas que não poderiam significar desigualdade ou discriminação entre os sexos.

Entre outras questões, também falamos sobre as escolhas das pessoas, como: cor de roupa, brinquedos escolhidos, corte de cabelo, uso de brincos e se esses tipos de escolhas são capazes de transformar menino em menina ou ao contrário. De início demonstraram-se um pouco envergonhados, mas depois começaram a falar:

Luiz: - Menina usa sandália

Giovanna: - mas, menino também usa

Daniel: - O cabelo do menino é grudado na cabeça (curto)

² Disciplina do segundo semestre do ano de 2005

Sabrina: - mas tem menino que tem cabelo grandão e ainda usa brinco

Fernando: - O menino não pode usar coisas rosa

Todos concordaram.

Perguntei: - Menina pode usar todas as cores?

Responderam: - Pode!

Continuei: - E porque menino não pode usar rosa?

Daniel: - porque não.

Carol: - Menina usa tênis rosa

Felipe: - se menino usar tênis rosa vira menina.

Diante das falas das crianças avaliei que alguns comportamentos preconceituosos quanto ao sexo/gênero poderiam ser questionados pelas próprias crianças, no entanto, foram aceitos naturalmente e até reforçados.

Acredito que nós professores não nos sentimos preparados para trabalhar com as inquietações, preconceitos, medos, tabus, alegrias na descoberta da sexualidade, pois conforme Camargo (1999,p.34):

“O controle do comportamento exercido pela sociedade por meio de suas diferentes instituições tem como fundamento um modelo de infância a ser atingido e esse modelo é ensinado ao professor”.

Notei também, que havia certo pudor por parte das crianças ao falarem desta questão, contradizendo o que era esperado que acontecesse, devido a relação que mantinha com estas e pelo acesso às informações que a mídia oferece às famílias de hoje. Michel Foucault afirma que:

“o tema sexualidade está fortemente presente em nossa cultura e ao mesmo tempo, convive com uma série de interditos a essa mesma sexualidade, procura desvendar nessas malhas aquilo que leva a se falar, do sexo, pois acredita na hipótese de que os mecanismos que convidam, inalam, encorajam a falar de sexo estão dirigidos no sentido de institucionalizá-lo e controlá-lo – que fala, para quem se fala, onde se fala. (apud CAMARGO, 1999, p.28).

Observa-se então que, a sexualidade não é discutida pelos pais, mesmo diante da mídia e contexto familiar atual, devendo então, professores/educadores diante de tal problemática pretender buscar mudança de postura para vencer barreiras e desafios de maneira que a criança se sinta confortável num ambiente que favoreça o desenvolvimento e exploração de sua sexualidade.

Muitas questões são suscitadas e colocadas diante dos professores durante as brincadeiras, uma vez que, sendo ação espontânea, as crianças se expressam e falam dos seus sentimentos e, neste espaço, a realidade na qual elas convivem e que são impregnadas de preconceitos, vem à tona. Carvalho e Rubiano (2000) destacam:

“ a importância da atividade lúdica no pré-escolar, pois o brinquedo cria um espaço para a realização de desejos que não são satisfeitos imediatamente na situação real, mas que o podem ser através de situações imaginárias de faz-de-conta”(p.116).

Portanto a criança precisa experimentar, vivenciar, participar, ser livre para criar, solucionar e observar que existem várias maneiras de ser homem e de ser mulher, ser menino e ser menina. Sendo assim, continuo a contar sobre a conversa que se iniciou entre as crianças, quando uma delas diz que menina não pode ser rei, só rosa, bruxa ou relógio e a outra responde:

“-mas, vou só brincar de ser rei.” E uma terceira ainda completa:

“- É só de faz- de- conta.”

“Ao simbolizarem, os alunos transportam-se para um mundo imaginário criado por eles próprios, moldado ao seu gosto e que funciona com um sistema de regras especiais, o que lhes permite praticar no contexto da brincadeira o que não podem verdadeiramente fazer no “mundo real”....também dá as crianças a oportunidade de aprender a sentir como os outros e pelos outros, o que é um ingrediente importante para o desenvolvimento social”. (FERREIRA, 2001, p.20).

Procurei dar oportunidade para que as crianças que quisessem, se utilizassem de todas as vestimentas e aparatos disponíveis, dramatizando os diversos papéis e até participando como organizadores do teatro.



Atividade em que as crianças dramatizam a música “A linda rosa juvenil”, para outras turmas, na Emei José Paulino Nogueira, no dia 19 de setembro de 2005.

Resolvemos fazer apresentações para as outras turmas e funcionários. Foram feitos convites com horário e data marcada e a entrega destes foi feita pelas próprias crianças e as mesmas explicavam o que ia acontecer. A classe foi organizada e enfeitada para receber os adultos e as crianças. Toda essa movimentação fez com que os alunos que não tivessem assistido à peça ficassem curiosos. Para Ferreira (2001):

“Habilidades artísticas podem ser usadas para promover o desenvolvimento afetivo e a construção de valores. Raywen Ford (1999), defende a idéia de que relações de afeto podem ser construídas ou sedimentadas por ações como fazer algo que possa ser oferecido a alguém”. (*apud* FERREIRA, p.24).

A cada apresentação as crianças se revezavam nos papéis, pois todos conheciam os personagens. No entanto, as meninas só escolhiam entre ser bruxa, relógio ou rosa e os meninos relógio e rei. Demonstrando que alguns valores e conceitos estabelecidos pela sociedade estão fortemente enraizados no modo de agir das crianças. As apresentações foram acontecendo dando espaço para que os convidados também participassem numa segunda apresentação, o que causava euforia entre as crianças convidadas. Num primeiro momento, certa vergonha por parte dos adultos, mas que depois se transformava em satisfação.

Com certeza, estes momentos ficarão guardados na memória dessas crianças e adultos. Embora, nem todos os adultos tenham demonstrado interesse em sair da sua rotina de trabalho para participar como integrantes que são, do contexto escolar e que deve estar centrado na criança.

Foram realizadas apresentações para os pais, mães e/ou responsável, pois os mesmos perguntavam sobre o teatro e diziam que as crianças comentavam muito em casa sobre as dramatizações. A apresentação foi feita no período de aula, por escolha da maioria das famílias, contudo, nem todos compareceram. As crianças se mostravam ansiosas, o Daniel, que até então pouco tinha participado, logo se elegeu, pois sua mãe viria assisti-lo.

Antes de começar as apresentações (apresentações porque devido ao número de crianças que queriam participar, foi necessário mais de uma), com os convidados, já na classe, com ajuda do professor foi feita a escolha de quem gostaria de participar. Finalizada a primeira apresentação, a Isabela, que representou a rosa, não quis deixar a Ana assumir o seu lugar e diante de tal impasse a mãe da Ana interferiu chamando a filha, que depois disse a colega: “-Então vamos nós duas”, e a Isabela deu a ela a máscara, ficou com o vestido e as duas começaram a dramatização. “A socialização deve ter um espaço fundamental nos objetivos da instituição, garantindo a inserção da criança na cultura adulta e inserindo os pais e a comunidade na educação institucional”. (WAJSKOP, 2005, p.26).

A mãe da Isabela, por sua vez, demonstrou-se envergonhada pela atitude da filha e comentou comigo que sua filha é sozinha, não tem irmãos, por isso se tornou uma criança que quer fazer prevalecer sua vontade.

Após este comentário e para finalizar as atividades falei com os pais sobre a experiência e como foi construtiva e positiva, lembrei que os conflitos fazem parte de todo o processo, assim, como do nosso dia-a-dia e cabe aos professores/ adultos promover para que criem soluções fazendo-os pensar e aprender com eles. Marcellino (1989), afirma que:

“Libertar os sinais infantis do perigoso reino mágico da mera fantasia, como dito Benjamim, não significa negar o direito da criança sonhar, mas avançar conteúdos, tentar transformar sonhos em realidade, pela superação da criatividade, através do exercício da ação criativa. Diz ainda que “...o educador deve observar para aprender e ensinar; caminhar junto. A caminhada supõe o “andar com”, o “estar com” da educação; repartindo também a alegria da descoberta. (p.113).

A proposta era a de ter os pais juntos nesta caminhada, sendo assim, preparei inicialmente uma pesquisa, sendo que um dos objetivos era de que eles lembrassem da criança que foram, da infância que tiveram, seus brinquedos e brincadeiras preferidas, resgatando assim um pouco da cultura de cada um. Bosi (1987) entende que:

“a cultura como “ato no tempo”, como trabalho e ato de criação que envolve os diferentes tipos de produções e práticas sociais que são espelho de uma lógica de explicação, de uma forma de ver, sentir e de se relacionar com a vida e com os fenômenos naturais, sociais, psicológicos; lógica essa que ordena e fornece significação e sentido às coisas do mundo, tornando-o inteligível. Nisto entram costumes, hábitos, crenças, língua, o imaginário... O mundo não pode ser reduzido a cultura, mas tampouco ser entendido sem ela”. (*apud* FERNANDES, 2001, p.35).

Brinquedos antigos divertem crianças de todas as idades durante várias gerações. Brinquedos simples e fáceis de fazer, mas que mediante a sociedade capitalista de hoje são praticamente esquecidos, já que, nem mesmo as famílias de classe mais baixa resistem aos apelos consumistas que ela apresenta o que é comprovado com os brinquedos que foram enviados a escola – todos industrializados.

Na medida em que as pesquisas foram respondidas e trazidas, às lia na roda da conversa e pôde ser observado o comportamento das crianças, o interesse em saber com quais brinquedos seus pais brincavam e de dividir com os colegas e o professor algo do “saber” de sua família.

Os dados sobre os brinquedos foram organizados de maneira que estivessem disponíveis às crianças e que elas pudessem participar. De acordo com as preferências e pela facilidade de confecção os brinquedos foram catalogados com o propósito de organizar uma oficina.



Atividade em que acontece a oficina na qual as mães e as crianças confeccionam brinquedos, na Emei José Paulino Nogueira, dia 29 de setembro de 2005, com a professora Jani.

Assim como o teatro e, de acordo com a escolha da maioria, a oficina aconteceu no período de aula, e por este motivo somente as mães puderam participar. Das vinte mães, três não vieram e estas crianças ficaram na sala com a monitora e professora volante que as ajudaram a confeccionar seus brinquedos. Era visível a tristeza no rosto dessas crianças por sentirem a falta da mãe.

No entanto, foi uma atividade prazerosa, pois para as mães que vieram ao mesmo tempo em que produziam os brinquedos estavam com os filhos que procuravam ajudar, conversavam entre si, com a professora, orientadora, trocavam materiais/idéias. Falavam da infância, dos brinquedos, das brincadeiras, foi uma oportunidade para pais e professora se “conhecerem melhor”; entre as pipas, pés de lata, telefones com fio de barbante, vai-e-vem, iô-iôs , carrinhos de lata, com cabo vassoura, com garrafas descartáveis e cavalinhos- de-pau.



No mesmo dia em que confeccionam os brinquedos, as mães, as crianças e a professora Jani, posam para foto que registra os brinquedos já prontos.

Os brinquedos confeccionados ficaram na escola para que as crianças pudessem brincar e elas chegavam entusiasmadas para brincar com os brinquedos novos, principalmente com os cavalinhos-de-pau os quais tinham confeccionado junto com suas mães.



As crianças brincam no pátio da Emei José Paulino Nogueira, no dia 5 de outubro de 2005.

No início, o pé de lata e o vai-e-vem não chamaram muito a atenção das crianças, pois tentavam andar e caíam, tentavam coordenar os movimentos com o vai-e-vem e desistiam. Resolvi então, brincar, andei de pé de lata, brinquei de vai-e-vem, de carrinhos e andei na garupa dos cavalos.

“Brincar com as crianças e permitir o tempo necessário para que elas possam criar, requer do adulto – educador conhecimento teórico sobre o brincar e o brincar e muita paciência e disciplina, observar sem interferir em determinadas atividades infantis, além da disponibilidade para (re) aprender a brincar recuperando/construindo sua dimensão brincalhona”. (FARIA, 1999, p.213)

O tempo que dei foi suficiente para que estes mesmos brinquedos chamassem atenção de uma outra turma de 5 a 6 anos que fica na EMEI em período integral. Estas crianças brincavam ao lado do pátio onde estávamos com brinquedos que trouxeram de casa.

Uma das crianças dessa turma, depois de muito olhar, pediu para brincar com o vai-e-vem e ficou um bom tempo brincando com uma das alunas, atraindo atenção de outras crianças- da minha turma porque observavam os movimentos e resolveram tentar e da outra turma porque queriam brincar com brinquedos diferentes. Segundo Maluf (2003,p.43-44): “Através do brinquedo a criança instiga a sua imaginação, adquire sociabilidade, experimenta novas sensações, começa a conhecer o mundo, trava desafios e busca satisfazer sua curiosidade de tudo conhecer”.

Ao ver seus alunos interessados pelos brinquedos a professora me perguntou sobre a oficina, já comentando sobre a falta de participação dos pais nos dia de hoje e disse acreditar ser uma atitude corajosa proporcionar este espaço aos pais e o mesmo comentário foi feito em reunião pedagógica por outra professora.

Dessa forma, é entendido que alguns profissionais que atuam no contexto escolar se mostram resistentes ao envolvimento dos pais na escola, mas para mudar esta postura são necessárias profundas mudanças culturais e isso implica participação de todos.

3.2. A Exposição: Brinquedos para Olhar ou para Brincar?

Era época de exposição, a proposta era a de abrir a escola para os pais e a comunidade. O tem que nós professores escolhemos foi o folclore– danças, músicas, lendas, corridas típicas e brinquedos.

Cada professora escolheu com qual dessas atividades gostaria de trabalhar ou qual delas se adequava ao trabalho que já vinha realizando. Escolhi é claro – brinquedos, pois se tratava de algo significativo para as crianças, para os pais e para mim.

Durante a arrumação dos brinquedos no pátio, o zelador, a cozinheira e duas professoras brincavam com o carrinho com cabo de vassoura e com pé-de-lata; lembrando, comentando e mostrando como brincavam com estes brinquedos quando crianças. Riam, achando-se engraçados ao brincarem. Para Marcellino (1990):

“...frequentemente os adultos sentem necessidade de retorno a uma espécie de felicidade infantil, a uma época de suas vidas onde razão e a emoção, o corpo e alma, o lúdico e a vida não se encontram separados. É um certo tipo de nostalgia reconfortante, cujo apelo, de modo invariável acaba no mundo do brinquedo, do jogo, da brincadeira – do lúdico”. (*apud* FERNANDES, 2001, p.197).

Estavam ali se permitindo brincar enquanto buscavam em suas memórias as crianças que foram, pois só sendo assim é que seria possível se despir por alguns momentos dos adultos que se tornaram.

Durante a exposição foi difícil conseguir que os brinquedos ficassem expostos, pois as crianças presentes queriam brincar. Tiraram o brinquedo do lugar e ficavam com ele pelo pátio e algumas vezes já estavam até levando embora. Vygotsky (1984) diz que “o brinquedo tem um papel importante, aquele de preencher uma atividade básica da criança, ou seja, ele é um motivo para a ação”. (*apud* MALUF, p.43). Pensando assim, entendo que as crianças presentes na exposição tinham diversos motivos para estarem “motivados a quererem brincar” e “não somente olhar os brinquedos” expostos.

3.3 Brincando com os pais

Pretendendo continuar a promover uma parceria com os pais, no sentido de participarem e valorizarem a brincadeira como ato indispensável à criança, a infância, no entanto é um direito que vem sendo furtado do cotidiano da criança. Foi realizada uma reunião com o tema “Brincadeiras”. O convite era um quebra-cabeça com quatro peças que deveria ser montado para ser lido.

Dezenove responsáveis compareceram a reunião, a maioria mães e entre tantas mães, dois pais, uma avó e uma tia. Antes mesmo de se apresentarem, logo depois dos recados gerais, iniciou-se a reunião com a pergunta:

- Quando pensam em sua infância do que se lembram?

Responderam:

- Brincar (a avó enquanto ria)

- Esconde-esconde, roda, comidinha, estórias, jogos, “bambolê”, música, brincar de tomar banho de chuva (um dos pais), pescar (outro pai), brincar de mamãe.

- datas comemorativas para ganhar presente, principalmente o natal.

A avó comenta que as mães gostam que a criança ganhe roupa, mas a criança gosta é de brinquedos.

Ouvi a tia dizer:

- Que tempo bom era aquele!

Depois anotado numa folha presa à lousa tudo o que disseram, chamou-se a atenção destes para que observassem que todas as respostas indicavam “a brincadeira” como algo que lembra a infância.

Aproveitando as palavras da tia, seguiu-se a dinâmica propondo que escolhessem uma das brincadeiras para brincarem, confesso que fiquei um pouco preocupada de como seria a reação desses adultos diante de tal proposta, no entanto se mostraram à vontade e participativos, com exceção de um dos pais que já mostrando-se apressado disse que precisaria voltar ao trabalho, contudo, esperou e participou da brincadeira. Acredito que possivelmente apressou-se devido a importância que dá ao trabalho em detrimento do que o brincar significou para ele e significa para infância de seu filho.

As brincadeiras citadas foram: Dança da cadeira, batata-quente e passa-anel.. Provavelmente propuseram estas brincadeiras devido à forma que estavam vestidos e calçados. Os pais votaram e escolheram com 16 votos a brincadeira da batata-quente (a dança da cadeira teve apenas três votos)

A maneira de brincar que os participantes conheciam era diferente do modo que conheço. Então optaram por brincar da maneira que conheciam. Gerou-se uma competitividade entre eles, pois armavam estratégias para ganhar, no entanto, uma competitividade até então sadia. Riam ao brincarem, ao saírem observavam quem ainda estava na brincadeira. Deve-se levar em conta que vivemos em uma cultura de muitos brinquedos e poucas brincadeiras; muita tecnologia e pouca artesanaria; muita impessoalidade e pouco respeito à individualidade; mais solidão do que troca; uma cultura mais competitiva do que cooperativa; uma cultura lúdica violenta, que traz consigo muitas dúvidas de como recriá-la.

Enquanto brincavam observou-se e problematizou-se algumas situações. Terminada a brincadeira e retornando ao círculo inicial, a pergunta foi sobre o que sentiram, observaram ao brincarem e as repostas foram:

- É preciso ser mais rápido, ter coordenação para ganhar,
- nos conhecemos (aproveitamos a fala para que se apresentassem),
- nos descontraímos,
- nos unimos,

-nos colocamos um pouco como crianças, pois depois que crescemos e viramos adultos e com o corre-corre do dia-a-dia é difícil parar e brincar como fazíamos quando crianças.

Aproveitando-nos dessas falas e recorrendo ao que afirma Brougère (1995), quando diz que a brincadeira é lugar de socialização, de administrar relações com o outro, de se apropriar da cultura, de exercitar a decisão e a invenção, devemos ver a escola como espaço educativo para as crianças e também para os adultos no qual estes podem aprender uns com os outros.

Para finalizar a dinâmica, ressaltou-se que o professor está presente como observador, mediador e problematizar do processo de construção de conhecimento e aprendizagem assim como feito durante a brincadeira realizada

A seguir conheceram melhor os espaços da escola e foi feita a proposta que enviassem brinquedos simples, confeccionados por eles, roupas, calçados e outros utensílios para serem usados pelas crianças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Debruçadas sobre o vivido, nossa matéria e nossa questão, resgatamos as marcas e pistas deixadas em nós pelos meandros trilhados no aprendizado e na elaboração cotidiana do “Ser professora”“.

(FONTANA, 1997, p.85)

Relembrando os acontecimentos que perpassaram minha trajetória de vida, encontro brechas reveladoras na minha situação atual, pois enquanto escrevia minhas memórias dava significado a que hoje sou e me via imaginando o quanto caminhei e o quanto mais poderei caminhar.

Pensando a minha história reconheço-a em tantas outras, pois acredito que como eu outros professores buscam responder as perguntas que a escola faz. No entanto, cada um de nós tem um caminho próprio para construir o conhecimento.

“O que faz a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro”. (Mia Couto, *apud* Arroyo 2000,p.5)

Construir a prática com um novo olhar exige mudança de postura, ação, conhecimento e capacidade de sonhar.

Para que eu me tornasse professora fui aliada do tempo e da vida, pois já no início da minha carreira encontrei pessoas com visões diferentes, uma, que era “entrevistadora,” com um novo olhar para a educação, tantas outras com raízes fincadas na prática tradicional, com uma postura autoritária, contudo, até a essas dou valor porque aprendi muito com elas.... aprendi que, não quero ser professora assim. .

Nós professores (as) não podemos mudar nossa sociedade sozinhos(as), mas podemos nos comprometer a plantar a semente da criatividade, curiosidade, solidariedade, da cidadania, estando certas de que, possivelmente, muitas delas florescerão longe do nosso olhar.

“Mas coisas findas
Mas as coisas lindas
Essas ficarão”.
(Carlos Drumond de Andrade)

O que for significativo para a criança com certeza ficará em sua memória, em seu ser, em suas ações.

A criança que fui, a infância que vivi, me faz procurar na criança de hoje o motivo para ser professora no sentido de deixá-la viver sua infância, através das brincadeiras construindo-se na interação com o outro e com o mundo que o cerca.

No entanto, como afirma Marcellino (1989), a vivência do cotidiano na escola brasileira coloca-nos em constantes desafios, uma vez que a escola está vinculada a uma sociedade que valoriza a produtividade do conhecimento.

Neste sentido, permito-me afirmar que é preciso ter coragem de ousar, buscando uma concepção de escola que esteja a serviço do homem, que leve em conta a realidade em que vive, sua história, dando a este a oportunidade de ser criativo e crítico desse sistema educacional que mantém essa sociedade opressora.

É de responsabilidade de nós professores sermos instrumentos de auxílio na intervenção desse processo histórico, com o objetivo de superar as contradições que envolvem a escola, seus métodos e conteúdos. Para que isso ocorra é necessário que haja profissionais comprometidos com uma educação de “Qualidade para todos”, através de uma formação profissional consistente.

Volto-me então para o Curso de Pedagogia – PROESF, durante o qual contemplo mais uma fase em que me constituo professora. Assim como afirma Fontana (1997,p.135), para mim, o processo de escolarização vivido na Universidade, ao me colocar com propostas educativas e com professores que me instigaram uma re-leitura de minhas compreensões iniciais acerca da educação, da escola e do papel social do professor, conduziu-me a professora que sou. Muitas vezes, me vi nos exemplos citados pelas professoras deste curso, em outras observei-as falando de práticas que não condiziam com sua postura, no entanto, tudo que aprendi e compreendi durante tais aulas e enquanto escrevia este memorial valeu e valerá a pena, porque é uma saber que transforma, que gera mudanças e mudar é muito difícil porque exige esforço e paciência, demanda tempo, persistência e reflexão.

Levo comigo as sábias palavras de Piaget (1978,p.225): “O ideal da educação não é aprender ao máximo, mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola”. Acredito, hoje, que a educação deve estar voltada para a vida, pois pensando assim acredita-se que a escola pode ser um lugar de brincadeiras, jogos, atividades que fazem sentido para a criança.

Finalizo esse memorial tendo caminhado em meio às dificuldades, alegrias, angústias e aprendizados. Aprendi e me convenci que vale a pena persistir nos sonhos com determinação de poder torná-los possíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, Valéria Amorim. *A afetividade no cenário da Educação*. In. Psicologia, educação e temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Ed Moderna, 2002.

ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RS: Vozes, 2000.

BROUGÉRE, GILLES. *Brinquedo e Cultura*, Revisão Técnica e Versão Brasileira adaptada por Wajskop, Gisela- São Paulo: Cortez, 1995. Coleção questões da nossa época.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de & RIBEIRO, Cláudia. *Sexualidade(s) e Infância(s). a sexualidade como um tema transversal*. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

CARVALHO, M.I.C & RUBIANO, Márcia R. *Organização do Espaço em Instituições Pré-Escolares*. In: Oliveira, Zilma M.R.(ORG) educação infantil: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 2000.

FARIA, Ana L.G. de. *Educação Pré-Escolar e Cultura*. Campinas, São Paulo. ED: Unicamp, São Paulo Cortez, 1999.

FERNANDES, Renata Siero. *Entre Nós, o Sol: relação entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não-formal*- Campinas, SP: mercado de letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

FERREIRA, Sueli (ORG). *O ensino das Artes, Construindo Caminhos*. Campinas: ED. Papirus, 2001.

FONTANA, Roseli Aparecida *Cação Como nos Tornarmos Professores?: Aspectos da constituição do sujeito como profissional da educação*. Campinas, SP. [s.n], 199.

GARCIA, Valéria Aroeira. *Educação Não-Formal: do histórico ao trabalho local. in: formação de educadores: memória, patrimônio e meio ambiente*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

GURGEL, Roberto A. & ARAGÃO A.M.F.S (org). *Psicologia e Formação Docentes: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo, Cortez, 199

MALUF, Ângela C. M. *Brincar: prazer e aprendizado*- Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARCELLINO, Nelson C. *Pedagogia da Animação*, Campinas, SP: Papirus, 1999. (coleção corpo da motricidade)

OLIVEIRA, Ramos de, MORAES, Zilma.(org). *Educação Infantil: muitos olhares*- 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PIAGET, J. *Problemas de Psicologia Genética*. São Paulo: ED. Atica, 1978.

PRADO, Patrícia- *As cçs Pequenininhas Produzem Cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche*. Proposições. Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp. Vol. 10, 1999.

REFERENCIAL Curricular Nacional para a Educação Infantil/Formação Pessoal e Social. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/ SEF, 2001. vol.2.

SOARES, Magda. *Metamemórias- Memórias: travessia de uma educadora*, 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.

VYGOTSKY, L. S. *A formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (org). Michel Cole. São Paulo: Martins fontes: 1991.

WAJSKOP, G. *Brincar na Pré-Escola*. São Paulo, Cortez, 2005.